

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

Luis Alexander Montero Moncada

<https://orcid.org/0000-0003-3420-0863>

Email: Luis.montero@esdeg.edu.co

Resumo

O objetivo deste artigo é realizar uma análise comparativa entre os modelos de contrainsurgência britânico e francês. O objetivo é identificar as diferenças e os aspectos relevantes entre os dois modelos para atender às exigências da contrainsurgência nos conflitos contemporâneos, que são repletos de múltiplos elementos de zonas cinzentas, atores e meios extremamente irregulares. Para isso, primeiro será apresentada uma visão geral da contrainsurgência, seguida de um exame detalhado do modelo britânico, seguido de uma análise do modelo francês. Por fim, serão feitos comentários para destacar alguns dos aspectos mais significativos da aplicação desses modelos no contexto da guerra de contrainsurgência contemporânea, que se caracteriza por cenários extremamente ambíguos e nebulosos.

Palavras-chave: Guerra, Contrainsurgência, Insurgência, Modelos, NewCOIN, Defesa.

Introdução

A compreensão da contrainsurgência é um dos desafios mais relevantes no estudo da guerra ao longo do século XX e no século XXI. Os conflitos, baseados no envolvimento de atores rebeldes que seguem padrões de guerra irregular, continuam em vez de desaparecer e até se tornam mais complexos em ambientes operacionais que são extremamente difíceis de enquadrar com estratégias convencionais.

Esse cenário é caracterizado por conflitos assimétricos e híbridos, em que os grupos insurgentes transcendem os limites do tradicionalmente irregular, conforme proposto por Mao Tsé-tung, também conhecido como Mao Tse-tung, e se tornam protagonistas que borram a linha entre civis e militares. Eles enfrentam grandes dificuldades para aplicar as regras da lei da guerra e dependem de vários processos transnacionais que afetam tanto a sustentabilidade de suas ações insurgentes quanto sua capacidade de usar fogo, inteligência e conhecimento do adversário. Além disso, há uma convergência crescente com outros grupos ilegais. Tudo isso está ocorrendo em um Estado que é muito mais reativo do que no passado.

Por esse motivo, o estudo da contrainsurgência se torna uma prioridade e a identificação dos desafios nos cenários atuais é de vital importância. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo realizar uma análise comparativa entre os modelos de contrainsurgência britânico e francês a fim de identificar as diferenças entre as duas abordagens e encontrar elementos úteis que possam ser aplicados em contextos contemporâneos, caracterizados por vários elementos de zona cinzenta, bem como atores e meios extremamente irregulares.

Assim, o artigo foi estruturado em quatro partes principais. Primeiro, as generalidades da contrainsurgência foram apresentadas a partir de uma perspectiva teórica a fim de estabelecer uma estrutura para a discussão. Em segundo lugar, foi feita uma análise detalhada do modelo britânico de contrainsurgência, abordando suas origens, os desafios que motivaram seu desenvolvimento e seu estado atual. Em terceiro lugar, foi examinado o modelo francês de contrainsurgência, seguindo a mesma abordagem usada para o modelo britânico. Em quarto lugar, foram apresentadas observações finais que identificaram os aspectos mais relevantes da contrainsurgência que poderiam ser aplicados aos conflitos contemporâneos.

Por fim, por meio dessa análise comparativa, espera-se obter uma visão mais abrangente e enriquecedora da contrainsurgência, fornecendo aos leitores as ferramentas e o conhecimento necessários para enfrentar os desafios das disputas atuais.

Contexto teórico geral da contrainsurgência

A contrainsurgência é, em essência, a ação político-militar que visa a combater os esforços de um grupo rebelde contra uma autoridade central. Ela geralmente emprega táticas de guerrilha, seja no sentido tradicional ou contemporâneo, enquanto tenta promover ações políticas, econômicas e sociais em um segmento da população.

Para fazer uma construção conceitual, é necessário especificar, em primeiro lugar, o que representa a insurgência, que é definida como uma rebelião armada contra uma autoridade constituída. Nesse caso, os atores armados que fazem parte da rebelião não são necessariamente reconhecidos como beligerantes ou, em um sentido mais restrito, como partes exclusivas de um conflito internacional. Da mesma forma, o Guia de Análise de Insurgência da CIA a define como um ator que apresenta "um confronto político-militar prolongado com o objetivo de suplantar ou deslocar a legitimidade de um governo constituído ou ocupar o poder político, e controlar parcial ou totalmente os recursos de um território, por meio do uso de força militar irregular e organizações políticas ilegais".¹

Apesar da especificidade dos conceitos, a contrainsurgência é frequentemente confundida com outros termos, como guerrilha ou subversão, que são categorias utilitárias.² Guerrilha refere-se ao uso tático e desagregado da força, sendo um dos componentes da doutrina da guerra popular prolongada de Mao e a primeira etapa da sequência de guerra de guerrilha, guerra de movimento e guerra de posição. Refere-se a unidades pequenas, altamente móveis e facilmente camufladas com a missão de assediar permanentemente unidades maiores. Isso é

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

feito para enfraquecer sua força e vontade de lutar, negar-lhes descanso e dificultar o abastecimento.

A subversão faz parte de um movimento armado, rebelde e de oposição que busca mudar o status quo ou a ordem existente em termos institucionais, legais e políticos. Ela não se limita a uma luta tática de guerrilha, mas pode usar qualquer meio à sua disposição para atingir seu objetivo de corroer o status quo.³ Seus métodos podem incluir terrorismo, guerra na zona cinzenta, boicote econômico ou isolamento diplomático, bem como qualquer ação política que desafie a legitimidade das instituições oficiais.

Portanto, uma revolta pode empregar táticas de guerra irregular, embora não necessariamente. Ela pode até mesmo buscar uma alteração radical da ordem estabelecida. De acordo com Ehrlich,⁴ pode haver casos de movimentos rebeldes que buscam um retorno ao passado, o que não implica necessariamente em desestabilização. De qualquer forma, a contrainsurgência enfrenta um contexto complexo e desafiador. Trata-se de um contexto em que a rebelião usa táticas de guerrilha e, ao mesmo tempo, busca mudar o status quo, o que também seria considerado subversão. É no contexto em que a insurgência, a guerra de guerrilha e a subversão são combinadas que o esforço de contra-insurgência é muito mais exigente.

Considerando que a insurgência é mais antiga do que as táticas de guerrilha, que têm pouco mais de dois séculos em termos doutrinários, é no século XX que o conceito adquire uma força incrível. Os processos de descolonização e a influência política e ideológica da Guerra Fria deram um impulso decisivo ao surgimento de conflitos insurgentes na Ásia, no Oriente Médio, na África e na América Latina. Como resultado, esse período viu a maior teorização sobre como os Estados e suas forças militares deveriam enfrentar esse desafio por meio da contrainsurgência.

Contrainsurgência britânica: a origem do caminho

A contrainsurgência britânica não se baseia em um manual, mas na experiência colonial, o que pode ser visto no trabalho de Nagl⁵ e Mockaitis,⁶ que enfatizaram a função de policiamento que o exército imperial deveria desempenhar nas colônias britânicas. Além disso, a partir desses estudos, fica claro que o fator militar não poderia ser separado de um diálogo com as autoridades civis coloniais de forma a complementar o esforço militar. Esse princípio se tornou um dos fundamentos da contra-insurgência, mesmo nos dias de hoje. Beckett, por outro lado, identifica o período entre 1900 e 1945 como a época das "raízes da contrainsurgência britânica", quando foram feitas tentativas de formalizar o modelo britânico estabelecendo princípios e objetivos.⁷

No entanto, o Coronel Charles Callwell foi o pioneiro na formalização da contrainsurgência descrita por Beckett. Em seu livro *Small Wars: Their Principles and Practice* (Pequenas guerras: seus princípios e práticas), Callwell caracterizou as guerras coloniais como um tipo de conflito completamente novo para os exércitos europeus acostumados a combates convencionais com grandes exércitos e considerando as variáveis operacionais de um exército convencional. Nas palavras

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

de Callwell, as guerras pequenas são "todas as campanhas, exceto aquelas em que ambos os lados são formados por tropas regulares. Incluem expedições contra raças selvagens e semicivilizadas por soldados disciplinados, campanhas empreendidas para acabar com rebeliões e guerrilhas.⁸

É importante observar que Callwell não afirma que as guerras coloniais são "pequenas" em sua extensão ou nível de comprometimento em resposta, mas é um critério simples para diferenciá-las das guerras europeias. Dependendo do tipo de desafio, o autor propõe três tipos de guerras coloniais de contra-insurgência: campanhas de conquista ou anexação, campanhas contra insurreições em territórios conquistados e campanhas de vingança ou expulsão de ameaças territoriais.⁹

Um fator militar importante na classificação de Callwell é a superioridade tecnológica dos exércitos europeus, que tinham cavalaria e artilharia organizadas, enquanto o inimigo, dificilmente considerado um exército, tinha uma estrutura tribal sem treinamento ou organização militar e estava armado com flechas e lanças. Consequentemente, o principal teste da contrainsurgência nesse estágio não era um adversário poderoso, mas desafios logísticos, como suprimentos, socorro às tropas, saneamento e relações com as autoridades políticas coloniais.¹⁰

Além disso, ele estabelece princípios que mais tarde se tornaram a base da doutrina britânica. Esses princípios incluem a realocação de setores da população em guerras de contra-insurgência, de modo que o adversário perca um elemento essencial de apoio ou, possivelmente, seu centro de gravidade. Ele também destaca o papel fundamental da inteligência em um ambiente que é muito mais difuso e difícil de caracterizar do que a guerra convencional.¹¹

O General Sir Charles Gwynn, oficial do Exército Britânico, também abordou as dificuldades da contrainsurgência e repetiu parcialmente as ideias de Callwell sobre as funções essencialmente policiais dos exércitos coloniais. Gwynn enfatizou a importância de restaurar a autoridade civil em vez de estabelecê-la ou criá-la, o que marcou um desvio de uma das abordagens propostas por Callwell.¹²

O que Gwynn e Callwell concordam plenamente é o papel central da população nos conflitos de contra-insurgência, que são essencialmente de natureza política e têm um alto impacto sociológico. De acordo com Gwynn, os insurgentes se aproveitam da população civil para se camuflar e se tornar invisíveis,¹³ o que marca uma diferença significativa em relação à guerra convencional. Em ambos os tipos de guerra, o uso da força desempenha um papel central e os resultados são buscados por meio do uso da força. Na guerra de contra-insurgência, entretanto, o objetivo militar é alcançado equilibrando-se o uso da força com a busca de objetivos políticos.¹⁴

Essa preocupação é fundamental para o pensamento de Gwynn e se reflete em seus quatro princípios reconhecidos. Esses princípios incluem a subordinação total das autoridades militares encarregadas do esforço de contrainsurgência às autoridades civis, a cooperação entre as autoridades civis e militares sem que as primeiras abandonem a ação militar, o uso mínimo necessário da força e a determinação e rapidez no emprego do poder militar para evitar que os atrasos

sejam interpretados como fraqueza.¹⁵ É importante ressaltar que, embora o "Imperial Policing" não fosse uma doutrina oficial, o artigo de Gwynn forneceu uma análise detalhada de várias campanhas coloniais britânicas, tornando-o um trabalho influente na teoria da contrainsurgência.

De acordo com French,¹⁶ durante as guerras de descolonização nas décadas de 1950 e 1960, o pensamento britânico se concentrou no conceito de "Brush Fire Wars". Além disso, Newsinger¹⁷ argumenta que era evidente que um dos principais obstáculos desse período era a diversidade dos teatros operacionais onde ocorriam as revoltas descoloniais, o que exigia conhecimento operacional específico por parte de cada comandante. O segundo desafio nesse tipo de guerra de contra-insurgência foi o modelo de administração. A Coroa Britânica pretendia manter sua influência sobre suas antigas colônias, portanto, a prioridade era a manutenção da autoridade civil e a aplicação da Lei Comum Britânica como os pilares do modelo de gestão.¹⁸ Embora o emprego militar fosse a opção predominante, o pensamento britânico de contra-insurgência durante esse período permaneceu fiel à teoria anterior, buscando a primazia da autoridade política sobre a militar. Como resultado, a coordenação e a cooperação entre as forças britânicas mobilizadas e as autoridades civis e policiais locais foram facilitadas. O terceiro desafio foi separar adequadamente os civis da influência direta dos grupos insurgentes. Isso foi de suma importância, mas não foi fácil de conseguir, portanto, o uso da força militar teve que ser calculado com precisão, garantindo que fosse apenas o mínimo necessário.¹⁹ Por fim, a inteligência desempenhou um papel essencial e transversal na superação de todos os desafios mencionados acima, por isso precisou ser fortalecida o máximo possível e dotada de meios humanos e técnicos de alta qualidade.²⁰

Nesse período, as contribuições do general de brigada Sir Robert Thomson, Julian Paget e Frank Kitson são fundamentais. De acordo com Thomson,²¹ a contrainsurgência durante a Guerra Fria não representa apenas um desafio anticolonial, mas é fortemente influenciada pelo comunismo soviético e chinês. Portanto, é fundamental entender os textos orientais e, em alguns casos, o pensamento de Mao. Além disso, é preciso elaborar um plano de campanha de contra-insurgência cuidadosamente elaborado com uma metodologia clara, em vez de ações isoladas ou descoordenadas. Nesse sentido, as autoridades locais devem ter um objetivo político claro que lhes permita usar a estrutura legal a seu favor. A derrota da subversão política deve ser priorizada em relação à subversão armada. Por fim, é necessário definir e proteger as áreas de base para a ação dos insurgentes.

Julian Paget,²² por sua vez, distingue três fases na guerra de contra-insurgência. A primeira é caracterizada pela mobilização popular, devido a queixas sociopolíticas passadas ou presentes. Nesse estágio, fica claro que o gerenciamento da ameaça insurgente deve ser principalmente político. A segunda ocorre quando o inimigo supera as capacidades da autoridade civil. Nesse ponto, Paget sugere declarar estado de emergência para ter as ferramentas necessárias para lidar com força com a revolta. Isso envolve o uso dos meios mais eficientes e criativos para separar a insurgência da população e passar para uma ofensiva militar. A terceira envolve a ação coordenada de todos os recursos militares disponíveis. Ela busca garantir a separação entre a população civil e o inimigo insurgente, estabelecer um

comando unificado e fazer uso total da inteligência. Para que esses estágios se desenvolvam, é preciso garantir o emprego pleno de uma tríade de civis, policiais e militares.²³

O terceiro autor em cena é Frank Kitson, que propõe que qualquer entendimento contra-insurgente deve se basear em um entendimento completo de Mao. De acordo com Kitson, a insurgência se apóia em três pilares: o partido, as armas e a população. Consequentemente, a análise operacional deve se concentrar na coordenação do esforço militar e das agências civis. Da mesma forma, ele enfatiza a necessidade essencial de controle efetivo da população.²⁴

A década de 1990 e a segunda guerra do Iraque registraram um período interessante de atualização na contrainsurgência britânica.²⁵ Com base em suas próprias experiências e em comparação com a França e os Estados Unidos (EUA), o comando britânico, de acordo com Dixon, propôs seis elementos para o planejamento da contrainsurgência. O primeiro concentra-se na dimensão política da guerra de contrainsurgência, enfatizando a necessidade de garantir a supremacia da política sobre todos os outros fatores. O segundo envolve o estabelecimento de uma base governamental eficiente para desenvolver políticas e tomar decisões para acabar com a insurgência. A terceira busca fortalecer os processos de inteligência e estender seu escopo às operações de informação. A quarta, seguindo a tradição, busca separar o insurgente de sua base de apoio civil. O quinto envolve a neutralização da ameaça insurgente por meio do uso total do poder militar. Por fim, o sexto elemento, associado ao conceito de estabilidade, envolve o planejamento de longo prazo de ações que desencorajam as atividades insurgentes e a base de apoio.²⁶

As lições aprendidas com as guerras do Iraque levaram a um novo processo de ajuste ao modelo de contrainsurgência. Como resultado, os seis elementos anteriores foram transformados em um modelo de sete etapas, que introduziu um novo elemento e separou outro. Assim, a fase de obtenção e garantia do consentimento da população civil foi incorporada, o que fortalece o foco na comunicação eficaz com as pessoas. Além disso, a função da inteligência foi separada das operações de informação para obter maior poder e integração.

Por fim, os modelos britânicos contemporâneos para a guerra de contrainsurgência são, ao contrário dos períodos anteriores, formalizados em publicações oficiais do Ministério da Defesa (MINDEF).²⁷ Essa perspectiva enfatiza a análise do inimigo, com base em quatro elementos: ideologia, narrativa, motivação e objetivos.

A ideologia surge como o fator estrutural e o ponto de partida da insurgência. Entendê-la é vital para o planejamento da contrainsurgência, pois indica a coesão política e psicológica dos insurgentes, bem como a capacidade de influenciar a população. A força ideológica tem um efeito diretamente proporcional sobre a opinião pública e pode até afetar a política externa do Estado ameaçado. Se ela for fraca ou incoerente, a estratégia de contrainsurgência pode aproveitar a oportunidade para dividir o inimigo insurgente.²⁸

A narrativa é igualmente importante, pois é o mecanismo de construção de uma "pós-verdade" que corrói a legitimidade institucional exigida pelo adversário

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

insurgente. Ela busca mobilizar a população, culpar o Estado, unificar ideologicamente a comunidade e obter seu apoio para a expressão violenta do inimigo.²⁹

A motivação refere-se a condições objetivas, como desigualdade, pobreza, falta ou precariedade de direitos políticos ou desemprego, que se tornam o mecanismo para a materialização da narrativa.³⁰

Os objetivos constituem o último elemento, que tende a ter duas características claras: o planejamento estratégico para ser duradouro e causar o maior impacto possível na população, bem como a busca de reformas, mudanças no governo e resistência à agressão externa e até mesmo à secessão territorial. Com base nessa taxonomia de objetivos, as insurgências podem ser classificadas em movimentos conspiratórios, rurais, urbanos ou com ênfases armadas baseadas em identidade.³¹

Em termos de tempo, o modelo britânico entende que o adversário insurgente buscará prolongar ao máximo a duração das hostilidades, afetando a vontade de lutar das forças contrainsurgentes, sua legitimidade aos olhos da população, tornando-as presas fáceis da propaganda negra e pressionando-as a cometer erros operacionais e estratégicos. No entanto, estender demais o tempo das operações também pode funcionar contra a insurgência, pois prejudicará a sobrecarregada função de sustentação.³²

Por fim, o manual britânico propõe onze princípios de contrainsurgência que capturam grande parte da experiência até o momento:

- Primado político
- Desenvolver e promover a legitimidade do Estado anfitrião
- Transferir a responsabilidade para as forças locais o mais cedo possível
- Proteger a população
- Compreensão completa do ambiente operacional (OE), especialmente do domínio cognitivo
- Isolar e derrotar o adversário militarmente
- Operar de acordo com as leis internacionais e locais
- Preparar-se para operações duradouras e sustentadas
- Aprender e se adaptar
- Buscar esforços conjuntos
- Flexibilidade e adaptabilidade no uso da força

Modelo francês de contrainsurgência: experiências diferentes

O modelo francês de contrainsurgência é fortemente focado e permeado pelas abordagens de Galula.³³ Embora não seja o único ponto de referência, o autor reúne tanto suas próprias experiências quanto elementos da guerra de contrainsurgência de outros países para materializá-las em seu livro "Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice",³⁴ onde identifica quatro leis essenciais para a condução de uma campanha de contrainsurgência. A primeira lei propõe, como centro de gravidade estratégico, o apoio da população, que é vital tanto para o lado insurgente quanto para o contrainsurgente. A segunda lei define a conquista desse centro de gravidade como um pequeno grupo que atua

como uma minoria ativa ou multiplicadora e serve como catalisador para obter o apoio necessário. A terceira lei deixa claro que o apoio civil não é seguro nem permanente, mas está condicionado às circunstâncias e à evolução, principalmente, do entendimento da legitimidade das instituições.³⁵ Finalmente, a quarta lei sugere que é decisivo manter a iniciativa de acordo com os recursos disponíveis para realizá-la. O livro *Modern Warfare: A French View of Counterinsurgency* (Guerra moderna: uma visão francesa da contrainsurgência), de Trinquier, desenvolve uma perspectiva semelhante à de Galula.³⁶

Os autores reconhecem um modelo ortodoxo ou tradicional para o desenvolvimento de movimentos insurgentes, caracterizado - em termos gerais - por cinco estágios lineares. O primeiro é a criação de um partido de massa. Em seguida, uma série de alianças é estabelecida em favor do lado insurgente, enquanto a base de apoio é fortalecida. O terceiro envolve a implementação de uma lógica de guerra de guerrilha como parte de um confronto ideológico em nível internacional. Na quarta, a insurgência é ainda mais fortalecida, passando da guerra de guerrilha para uma estratégia de movimentos, com base em um exército regular, áreas de guerrilha e áreas ocupadas. Por fim, a quinta envolve uma guerra de aniquilação, em que o lado insurgente atingiu a maturidade política e militar e conseguiu encurralar o lado contra-insurgente por meio de grandes operações.³⁷

Como argumentam Demelas, Dory e Trinquier,³⁸ o modelo tradicional pode ser contrastado com um modelo abreviado composto principalmente de dois estágios de alta intensidade. O primeiro estágio é caracterizado por atos indiscriminados de terrorismo, buscando gerar o máximo impacto material e de propaganda, sem exigir um grande esforço em termos de pessoal ou infraestrutura. O segundo envolve uma mudança nas táticas terroristas para uma tática seletiva, em que os objetivos se concentram em minar a legitimidade do lado contra-insurgente, isolando-o da população e incentivando a participação maciça do público no confronto direto entre as partes.³⁹

Em termos mais amplos, o modelo francês considera a inteligência eficaz e focada na inteligência humana como o fator decisivo para resolver o problema da maleabilidade de um adversário que é esquivo, mesmo que o lado contrainsurgente defina claramente uma área de operações. Complementando a inteligência, a força e a mobilidade devem acompanhar o esforço de contrainsurgência. Em nível estratégico, esse modelo propõe que o lado contrainsurgente sature o território com guarnições, de modo que a insurgência não tenha liberdade de ação nem espaços vazios.⁴⁰

Em resumo, o modelo francês derivado de Galula complementa as quatro leis anunciadas anteriormente com cinco princípios claros de contrainsurgência. O primeiro deles é o princípio da economia de forças. Ele enfatiza que o esforço de contrainsurgência deve levar em conta os limites da sustentabilidade, especificamente em um confronto em que esse lado está liderando o esforço principal.⁴¹

O segundo é a irreversibilidade, o que significa que, uma vez lançado o esforço de contrainsurgência, ele deve ser prosseguido de forma decisiva, pois uma pausa operacional prolongada nunca favorecerá o lado contrainsurgente e poderá

enfraquecer sua legitimidade.⁴² A terceira diz respeito à iniciativa, que é de suma importância. Capturar e manter a iniciativa de combate significa que o lado contrainsurgente priva o lado insurgente de uma de suas principais vantagens e até mesmo se retira para áreas isoladas da população.⁴³ A quarta está diretamente relacionada à primeira e envolve o uso absoluto dos recursos superiores do lado contrainsurgente. Embora a economia de forças exija prudência no uso dos recursos, esse princípio destaca a força da contrainsurgência, em termos de produção e recursos superiores aos da insurgência, que devem ser totalmente utilizados.⁴⁴ O último dos princípios corresponde à simplicidade no planejamento conceitual e no planejamento operacional detalhado.⁴⁵

Entretanto, essas leis e princípios definidos por Galula e complementados por Trinquier se materializam em operações militares, que devem seguir uma série de etapas claramente definidas. A primeira envolve um esforço total com unidades móveis e territoriais que, por meio de encapsulamento e pressão de dentro para fora, conduzem os guerrilheiros para uma zona de bloqueio onde unidades maiores acompanhariam o esforço decisivo. Esse estágio implica um papel de liderança para as operações psicológicas a fim de conquistar o apoio da população. A segunda etapa sugere a inserção de unidades especiais e reservas móveis das unidades territoriais para realizar operações de pequena escala e emboscadas, de modo que o inimigo não possa tirar proveito da vantagem tradicional da guerrilha nas áreas de descanso.⁴⁶ A terceira etapa está intimamente relacionada ao aspecto político e populacional, em que a autoridade política é restabelecida, a população é ainda mais isolada da insurgência e as medidas de inteligência são aprofundadas para neutralizar as redes de apoio e as atividades políticas da insurgência.⁴⁷ A quarta fase consiste em aprofundar a fase anterior para que a inteligência dê frutos em termos de desmantelamento funcional das estruturas políticas da insurgência. Isso deve ser o mais detalhado possível, identificando claramente a legitimidade do lado contra-insurgente.⁴⁸

Posteriormente, a convocação e a realização de eleições locais são essenciais para fortalecer a estrutura política oficial e neutralizar a ação política da insurgência. Entretanto, essa fase pode ser difícil se a população ainda não estiver totalmente convencida de que o esforço de contra-insurgência pode ser bem-sucedido ou se a insurgência tiver conquistado um forte domínio sobre a opinião pública. Portanto, a escolha de uma política inovadora e de apoio é vital.⁴⁹

Na mesma linha, a sexta etapa exige que os resultados das eleições levem a modelos eficientes de ação política. Somente dessa forma o esforço de contra-insurgência será sustentável e não haverá risco de ressurgimento de uma insurgência remanescente. Em caso de fracasso, não apenas a insurgência renascerá, mas o lado contrainsurgente terá perdido todos os seus esforços para vender uma ideia de legitimidade e o apoio da população ao inimigo será ainda mais forte do que era no início.⁵⁰ Por outro lado, o sétimo estágio, uma vez que a área tenha sido consolidada militar e politicamente, implica a estruturação de uma nova forma de fazer política, renovada e livre de acusações provenientes da insurgência. Assim, será possível avançar para o momento final, que consiste na derrota completa dos remanescentes da guerrilha, que estarão isolados da população, completamente deslegitimados e sem qualquer vantagem ou capacidade militar.⁵¹

Figura 1
Contra-insurgência francesa

Modelos	Leis	Princípios	Etapas operacionais
Modelo ortodoxo	O apoio da população como um centro de gravidade estratégico.	Economía de fuerzas	Esfuerzo a fondo con unidades móviles y territoriales que, mediante el encapsulamiento y la presión de adentro hacia afuera, lleven a la guerrilla a una zona de bloqueo frente a unidades mayores.
	A existência de um pequeno grupo que atua como uma minoria ativa ou multiplicadora.	Irreversibilidade	Inserção de unidades especiais e reservas móveis de unidades territoriais para operações de pequena escala e emboscadas.
Modelo abreviado	O apoio civil não é seguro nem permanente, mas condicional.	Iniciativa	Restabelecimento da autoridade política, isolamento da população da insurgência e ênfase na inteligência.
	É essencial manter a iniciativa alinhada com os recursos disponíveis para realizá-la.	uso absoluto de recursos superiores.	Inteligência de seus frutos para o desmantelamento funcional das estruturas políticas da insurgência.
		Simplicidade no planejamento.	Convocação e realização de eleições locais.
			O resultado das eleições deve levar a modelos eficientes de ação política.
			Novas estruturas políticas eficientes.
			Derrote os últimos guerrilheiros.

Fonte: Elaboração própria

Conclusões

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

Os conflitos contemporâneos caracterizados por forças insurgentes apresentam desafios significativos no século XXI. Esses confrontos assimétricos envolvem oponentes com reivindicações políticas, ideológicas, locais, históricas ou religiosas, o que os torna adversários altamente irregulares.

Além disso, a globalização hipermediada ampliou seu poder ao multiplicar sua ação social ou política. É importante ressaltar que não se trata apenas de inimigos que empregam táticas de guerrilha, mas de redes complexas de ação armada apoiadas por vários agentes privados. Essas redes têm conexões com organizações criminosas e têm a capacidade de recrutar e moldar redes de apoio além das tradicionais, o que aumenta a possibilidade de recorrer a ações terroristas.

Por outro lado, as insurgências com objetivo político encontram um efeito multiplicador de força ao criticar regimes ilegítimos, corruptos ou não profissionais que se perpetuaram no poder ou chegaram ao poder por meio de mentiras e manipulação. A possibilidade de obter apoio popular é significativamente maior nesses casos. O enfrentamento desses inimigos insurgentes assimétricos representa um desafio considerável.

Em termos de modelos de contrainsurgência, o modelo britânico se concentra na construção da legitimidade das autoridades estabelecidas, enquanto o modelo francês defende a construção da legitimidade por meio da ascensão de novas autoridades ao poder. Entretanto, o fator político e a luta pela legitimidade continuam sendo fundamentais para a guerra contemporânea. A adoção da democracia liberal ocidental nem sempre garante a legitimidade, de acordo com diferentes interpretações em diferentes sociedades.

Do ponto de vista da guerra na zona cinzenta, os desafios da contrainsurgência são ainda maiores, devido aos ambientes operacionais opacos que facilitam o desenvolvimento de ações negáveis ou não atribuíveis. Isso cria um cenário ideal para uma insurgência que se beneficia do combate nas sombras. Essa insurgência invisível ocupa uma posição estratégica para conduzir operações de desestabilização e prospera com operações de desinformação, manipulação e propaganda no espaço cibernético.

Além disso, essa insurgência se baseia em agendas humanistas globais que reinterpretam discursos não liberais. Eles também se beneficiam da dificuldade de determinar suas estruturas, sua afiliação a organizações criminosas transnacionais e suas conexões com agendas governamentais que promovem a guerra secreta.

Por fim, o desafio da contrainsurgência no século XXI vai além dos modelos britânico e francês. No passado, era possível geolocalizar o inimigo, mas hoje isso é impossível. O campo de batalha está no domínio cognitivo, onde serão travadas as guerras de contrainsurgência do século XXI.

Sobre o autor:

Luis Alexander Montero Moncada, analista e pesquisador internacional, cientista político pela Universidade Nacional da Colômbia, mestre em análise de problemas políticos, econômicos e internacionais contemporâneos pela Universidade Externado da Colômbia e pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris Sciences-PO, é

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

mestre honoris causa em Inteligência Estratégica pela Escola de Inteligência e Contraineligência do Exército "Brigadier General Ricardo Charry Solano". Consultor de mídia. Assessor político da Embaixada da Palestina na Colômbia e CEO da Strategy & Global Risk, é especialista em Inteligência Estratégica, Análise Estratégica, Operações, Segurança e Defesa. Atualmente, leciona na Escuela Superior de Guerra de Colombia.

Notas de fim:

¹ Central Intelligence Agency, "Guide to the Analysis of Insurgency" (Washington, DC: Central Intelligence Agency, 2011), <https://www.cia.gov/readingroom/docs/CIA-RDP87T01127R000300220005-6.pdf>

² Mao Tse- Tung, "Selección de Escritos Militares" (Pekín: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1967), <https://www.iberlibro.com/Selecci%C3%B3n-escritos-militares-Mao-Tse-Tung-Ediciones/30909851940/bd#&gid=1&pid=4>

³ Rafael Calduch, "Dinámica de la Sociedad Internacional" (Universidad Complutense de Madrid: Centro de Estudios Ramón Areces, 1993), <https://www.ucm.es/rrii-e-historia-global/libro-dinamica-de-la-sociedad-internacional-1>

⁴ Christian Ehrlich, "Insurgencia Criminal y Contrainsurgencia: Aplicación de métodos de contrainsurgencia moderna en territorios controlados por grupos criminales" (México: Instituto de Investigaciones Estratégicas de la Armada de México, 2017), https://cesnav.uninav.edu.mx/cesnav/ININVESTAM/docs/docs_analisis/da_13-17.pdf

⁵ John Nagl, "Learning to Eat Soup with a Knife: Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam" (Chicago: The University of Chicago Press, 2005), <https://press.uchicago.edu/ucp/books/book/chicago/L/bo3649905.html>

⁶ Thomas Mockaitis, "The origins of British Counterinsurgency" (Small Wars and insurgencies 1 (3), (1990), <https://doi.org/10.1080/09592319008422956>

⁷ Jorge Delgado, "La doctrina contrainsurgente británica y su influencia en la política de defensa y seguridad democrática" (Bogotá: Universidad de los Andes, 2007), <https://repositorio.uniandes.edu.co/handle/1992/23518>

⁸ Charles Callwell, "Small Wars: Their principles & Practice" (Lincoln and London: University of Nebraska Press, 1996), https://books.google.com.pe/books?id=YwQwKGWdPa0C&printsec=frontcover&source=gbs_ViewAPI&hl=es&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Charles Gwynn, "Imperial Policing" (Macmillan and Company, 1934), https://books.google.com.pe/books/about/Imperial_Policing.html?id=49Lx_oa709AC&redir_esc=y

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ David French, "The British Way: In Counter-Insurgency 1945-1967" (Oxford University Press, 2011), <https://global.oup.com/academic/product/the-british-way-in-counter-insurgency-1945-1967-9780199587964?cc=us&lang=en#>

¹⁷ John Newsinger, "British Counterinsurgency" (London: Palgrave Macmillan, 2015), <https://doi.org/10.1057/9781137316868>

¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid.

²⁰ Ibid.

²¹ Robert Thomson, "Defeating Communist Insurgency: The Lessons of Malaya and Vietnam" (London: FA Praeger, 1966), https://books.google.com.pe/books/about/Defeating_Communist_Insurgency.html?id=KVvbAA_AMAAJ&redir_esc=y

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

²² Julian Paget 1967 "*Counter-Insurgency Operations, Techniques of Guerrilla Warfare*" (New York: Walker and Co., 1967), <https://www.iberlibro.com/Counter-Insurgency-Operations-Techniques-Guerrilla-Warfare-Julian/973830155/bd>

²³ Ibid.

²⁴ Frank Kitson, "*Low Intensity Operations: Subversion, Insurgency, Peace-Keeping*" (London: Faber and Faber, 1971), <https://files.libcom.org/files/low-intensity%20operations.pdf>

²⁵ Ibid.

²⁶ Ibid.

²⁷ Ministry of Defense, "*Intelligence, Counter-intelligence and Security Support to Joint Operations JPD 2-00*" (UK Ministry of Defence, 2023), https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/1178940/JDP_2_00_Ed_4_web.pdf

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

³⁰ Ibid.

³¹ Ibid.

³² Ibid.

³³ David Galula, "*Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*" (London: Praeger Security International, 2006), https://books.google.com.pe/books?hl=es&lr=&id=DRbMEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR5&dq=Galula,+David.+2006.+Counterinsurgency+Warfare:+Theory+and+Practice.+London:+Praeger+Security+International.&ots=H1IESXj6zb&sig=KlqyB-Mdhu1wmU8bY8D4h2R_qMo#v=onepage&q=Galula%2C%20David.%202006.%20Counterinsurgency%20Warfare%3A%20Theory%20and%20Practice.%20London%3A%20Praeger%20Security%20International.&f=false

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ Roger Trinquier, "*Le premier bataillon des bérets rouges. Indochine 1947-1949*" (Paris: Plon, 1984), <https://www.iberlibro.com/firmado/premier-bataillon-b%C3%A9rets-rouges-Indochine-1947-1949/30878109797/bd>

³⁷ Ibid.

³⁸ Ibid.

³⁹ David Galula, "*Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*" (London: Praeger Security International, 2006), https://books.google.com.pe/books?hl=es&lr=&id=DRbMEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR5&dq=Galula,+David.+2006.+Counterinsurgency+Warfare:+Theory+and+Practice.+London:+Praeger+Security+International.&ots=H1IESXj6zb&sig=KlqyB-Mdhu1wmU8bY8D4h2R_qMo#v=onepage&q=Galula%2C%20David.%202006.%20Counterinsurgency%20Warfare%3A%20Theory%20and%20Practice.%20London%3A%20Praeger%20Security%20International.&f=false

⁴⁰ Roger Trinquier, "*Le premier bataillon des bérets rouges. Indochine 1947-1949*" (Paris: Plon, 1984), <https://www.iberlibro.com/firmado/premier-bataillon-b%C3%A9rets-rouges-Indochine-1947-1949/30878109797/bd>

⁴¹ U.S. Army Command and General Staff College. "*U.S. Army Command and General Staff College Catalog*" (2014), https://usacac.army.mil/sites/default/files/documents/cace/350-1_CGSCCatalog.pdf.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ Ibid.

⁴⁵ Ibid.

⁴⁶ David Galula, "*Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice*" (London: Praeger Security International, 2006), https://books.google.com.pe/books?hl=es&lr=&id=DRbMEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR5&dq=Galula,+David.+2006.+Counterinsurgency+Warfare:+Theory+and+Practice.+London:+Praeger+Security+International.&ots=H1IESXj6zb&sig=KlqyB-Mdhu1wmU8bY8D4h2R_qMo#v=onepage&q=Galula%2C%20David.%202006.%20Counterinsurgency%20Warfare%3A%20Theory%20and%20Practice.%20London%3A%20Praeger%20Security%20International.&f=false

Modelos comparativos de contrainsurgência: Tradições britânicas e francesas e sua aplicabilidade em conflitos contemporâneos

8 de fevereiro de 2024 - Centro de Estudos Estratégicos do Exército Peruano

⁴⁷ Ibid.

⁴⁸ Ibid.

⁴⁹ Ibid.

⁵⁰ Ibid.

⁵¹ Ibid.